



Correio promove sabatina

A partir das 10h, editores e colunistas do jornal farão série de perguntas a pré-candidatos à Presidência da República. O evento será presencial e ocorrerá na sede do veículo, com transmissão ao vivo e registro nas edições on-line e impressa

» MANNU LEONES
» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

O **Correio Braziliense** realiza hoje, a partir das 10h, mais uma edição da tradicional sabatina com os pré-candidatos à Presidência da República. O evento presencial ocorrerá no auditório da sede do jornal. Esta é a primeira rodada de entrevistas com os postulantes ao Palácio do

Planalto nas eleições de outubro.

Cada participante terá oportunidade de detalhar propostas de governo, discorrer sobre temas relevantes para a população brasileira e responder os questionamentos apontados por editores e colunistas do **Correio**.

Nesta rodada de entrevistas, as perguntas serão formuladas por Denise Rothenburg, titular da coluna Brasília-DF; Ana Maria Campos, editora de Política local e titular da

coluna Eixo Capital; Carmen Souza, editora de Opinião; e Carlos Alexandre de Souza, editor de Política, Brasil e Economia.

A sabatina com os pré-candidatos será transmitida ao vivo no site e nas redes sociais do **Correio**. As propostas e o ponto de vista dos convidados também estarão publicados na edição on-line e impressa do jornal.

Com o evento, o jornal reafirma o seu compromisso com a

democracia e as eleições. Em 2018 e 2022, o veículo dos Diários Associados foi o único que abriu espaço para todos os postulantes ao mais alto cargo público do país.

A sabatina com os presidenciais deste ano tem o apoio da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (Anfip), da Federação Nacional de Auditores Fiscais Tributário (Fenat), da Associação Nacional de Fiscais de Tributos Estaduais

(Febrafite) e da Unafisco Nacional.

Nesta etapa do período eleitoral, os partidos terão de 20 de julho a 5 de agosto para realizar as convenções partidárias. O registr na Justiça Eleitoral deverá ocorrer até 15 de agosto. Nos últimos dias, postulantes ao Palácio do Planalto oficializaram a candidatura.

Flávio Bolsonaro teve o nome lançado pelo PL no último sábado, durante convenção do partido

em São Paulo (SP). Ele ainda não anunciou o nome que o acompanhará na chapa como vice-presidente. No domingo, o PSD lançou Ronaldo Caiado à disputa, com Gilberto Kassab para vice.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva terá a candidatura confirmada à reeleição, no próximo domingo, durante convenção do PT em SP.

***Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza**

Caiado critica Milei; Flávio ironiza “vídeo revelador”

» LUÍZA ALTOÉ

O pré-candidato à Presidência Ronaldo Caiado (PSD) cumpriu agenda no interior de São Paulo ontem. Na ocasião, ele avaliou como “deplorável” a atitude do presidente da Argentina, Javier Milei, de chamar o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes de “lixo calvo”. Caiado considerou “inadmissível” outros países interferirem na campanha eleitoral brasileira. Argumentou que a “liturgia” do cargo de presidente recomenda abster-se de assuntos internos de outros países.

Na convenção nacional do PL, realizada no último sábado, Milei criticou a negativa do ministro Alexandre de Moraes ao pedido de visita ao ex-presidente Jair Bolsonaro. O presidente argentino também ofendeu o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), chamando-o de “presidiário”. Disse, ainda, que o pré-candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL) será o libertador do Brasil do socialismo.

“Uma eleição é decidida no seu país. É inadmissível ingerência de qualquer outro país na sua campanha eleitoral, até porque faz parte da liturgia de um presidente da República saber se ausentar das discussões de outros países. Isso é respeito com o povo que realmente está lá decidindo a sua condição e definindo quem é o seu candidato ou quem deve ser eleito no país”, disse o ex-governador de Goiás.

Ainda ontem, Caiado voltou a defender um endurecimento das medidas de segurança e afirmou que, se eleito, os “bandidos” vão mudar de país. O plano do ex-governador é

Divulgação/PSD



Caiado: ingerência do presidente argentino na eleição brasileira é “inadmissível”

nacionalizar os projetos implementados em Goiás. “As pessoas sabem que, em Goiás, bandido não se cria, (...) as pessoas lá vivem em paz total. E esse modelo eu vou implantar no Brasil. Podem ter certeza de que, quando chegar à Presidência, bandido vai mudar de país”, afirmou.

“Não vou desistir”

O senador e presidencialista Flávio Bolsonaro, por sua vez,

aproveitou as redes sociais para ironizar um suposto “vídeo revelador” sobre ele que pode ser divulgado. Na última semana, o deputado federal Kim Kataguirí (Missão-SP) contou, em entrevista ao podcast Inteligência Ltda., sobre um suposto vídeo em que Flávio Bolsonaro participava de uma festa atribuída ao banqueiro Daniel Vercaro.

Em resposta a Kataguirí, a postagem de Flávio Bolsonaro menciona um “vídeo que estava todo

mundo esperando aparecer”. No entanto, a publicação não revela qualquer conteúdo comprometedor do senador, mas a trajetória profissional e pessoal. Além disso, cita o “preço” da candidatura de Flávio à Presidência e aponta que o senador recebeu mais de 868 ameaças de morte.

“Esse é Flávio Bolsonaro e acredite, tem muita coisa dele que você talvez não saiba. Segue o fio. Flávio é senador, mas não é qualquer

senador. Flávio foi eleito por voto popular o melhor senador da República numa mobilização recorde de 2.800.000 votos. Flávio é advogado, pós-graduado em ciências políticas, com especializações em políticas públicas e empreendedorismo”, explica.

A publicação relembra os atentados cometidos contra líderes de direita recentemente. Além da facada que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) sofreu

em 2018, o vídeo cita como exemplo desse “preço” o assassinato do ex-primeiro-ministro do Japão, Shinzo Abe, em 2022; de Miguel Uribe, na Colômbia, em 2025; de Fernando Villavicencio, no Equador, em 2023; e de Charlie Kirk, nos Estados Unidos, em 2025. “Eu quero dar uma triste notícia para você que quer me destruir: eu não vou desistir, mas de jeito nenhum”, diz o senador ao final do vídeo.



Flávio Bolsonaro rebateu boatos de que estaria em festa promovida por Daniel Vercaro

Ex-bolsonaristas cruzam a ponte para Lula

» ALÍCIA BERNARDES
» ARMANDO HOLANDA

O apoio declarado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à candidatura da senadora Soraya Thronicke (PSB-MS) ao Senado e a presença do deputado federal Luciano Bivar (MDB-PE) como primeiro suplente do senador Humberto Costa (PT-PE) ilustram um fenômeno que marca a corrida eleitoral de 2026: antigos expoentes do bolsonarismo passaram a ocupar espaço nos palanques do presidente. Ambos estiveram entre os principais nomes ligados à eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, mas romperam com o ex-presidente ao longo dos anos e hoje fazem parte da estratégia política da base governista em diferentes estados.

Soraya foi eleita senadora pelo então PSL, partido que impulsionou a candidatura de Bolsonaro ao Planalto. Durante os primeiros anos do mandato, era considerada uma das vozes mais próximas do ex-presidente no Congresso. A relação, no entanto, começou a se desgastar antes das eleições de 2022. Naquele ano, deixou a legenda, concorreu à Presidência da República pelo União Brasil e adotou um discurso cada vez mais crítico ao antigo aliado. Após a vitória de Lula, participou da cerimônia de posse do petista e passou a apoiar parte da agenda do governo, movimento que culminou, neste ano,

Ricardo Stuckert/PR



Lula e Soraya Thronicke: alinhamento na defesa da democracia

com sua filiação ao PSB, partido do vice-presidente Geraldo Alckmin, e com o apoio formal de Lula à sua candidatura ao Senado por Mato Grosso do Sul.

Nos bastidores do PT, dirigentes afirmam que a aproximação não ocorreu de forma automática. Integrantes da cúpula do partido relatam que houve uma avaliação sobre a trajetória recente da senadora e prevaleceu o entendimento de que Soraya passou a demonstrar convergência com pautas defendidas pelo

governo, sobretudo na defesa das instituições democráticas e na relação com o Congresso. Interlocutores do Planalto também observam que a aliança amplia o campo político de Lula em um estado historicamente favorável ao bolsonarismo e ajuda a consolidar uma frente mais ampla para a disputa deste ano.

Frente ampla

Outro personagem emblemático dessa reconfiguração é Luciano



Luciano Bivar: suplente de Humberto Costa em Pernambuco

Bivar. Presidente nacional do PSL durante a campanha de 2018, ele foi um dos principais responsáveis por viabilizar a candidatura de Bolsonaro ao Planalto. O rompimento ocorreu ainda no primeiro ano do governo, em meio à disputa pelo controle da legenda e do fundo partidário. Desde então, afastou-se do ex-presidente e passou a defender um posicionamento mais ao centro. Em entrevista ao **Correio**, Bivar afirmou que votou em Lula no segundo turno de 2022 por entender

que aquele era “o caminho” que deveria seguir politicamente. Segundo o parlamentar, Bolsonaro promoveu uma guinada “muito à extrema-direita”, enquanto sua posição permaneceu ligada ao centro.

A nova posição de Bivar ganhou dimensão eleitoral em Pernambuco. Convidado para ser primeiro suplente de Humberto Costa, o deputado passou a integrar o mesmo palanque do presidente Lula e da candidatura do prefeito do Recife, João Campos (PSB), ao governo

estadual. Aliados do senador afirmam que a escolha foi construída para ampliar o diálogo com setores moderados e fortalecer a composição entre PT, PSB e MDB. Na avaliação de dirigentes petistas, a presença do ex-presidente do PSL ajuda a sinalizar uma frente política mais ampla, capaz de atrair eleitores que já estiveram próximos do bolsonarismo, mas romperam com o movimento ao longo dos últimos anos.

Se, para o governo, essas adesões simbolizam a capacidade de ampliar alianças além da esquerda tradicional, para aliados de Jair Bolsonaro, elas representam exemplos de abandono do projeto político que levou a direita ao poder em 2018. Parlamentares da oposição classificam os movimentos como fruto de conveniências eleitorais e afirmam que antigos aliados trocaram as bandeiras conservadoras por espaço nas chapas governistas.

Já interlocutores de Soraya e Bivar rejeitam essa leitura e sustentam que ambos mudaram de posição por divergências políticas e pela defesa de um campo mais moderado. A presença dos dois nos palanques de Lula evidencia como a eleição de 2026 consolidou um redesenho das forças políticas iniciado após o fim do governo Bolsonaro, com antigos protagonistas do bolsonarismo ocupando hoje espaço na coalizão que sustenta o presidente da República.